

A FORÇA DE GANDHI

TT Catalão

Da equipe do Correio

O carnaval de Brasília recebeu este ano o axé (força) de Gandhi. Foi a primeira iniciativa para uma abertura da semana pré-folia na cidade. O Filhos de Gandhi comoveu centenas de brincantes-devotos no domingo, dia 2 de fevereiro, que antecedeu os três dias oficiais. Com a solene dignidade do afoxé, o Gandhi transgride a hipocrisia do "sério" religioso para sacralizá-lo na rua. O afoxé é chamado "candomblé de rua" pois mistura comidas de santo, pétalas, alfazema, guias (colares), turbantes e mortalhas em que predominam o azul e o branco. O Gandhi trouxe Raimundo Queiroz, sósia do líder indiano e a magia que enternece a Bahia ocupando quilômetros de ruas em Salvador (o "mar-de-leite", raça e graça dos baianos).

Por iniciativa do restaurante Rainha do Mar, TVA e Secretaria de Turismo, o grupo voltou a Brasília depois de seu iniciático cortejo na tentativa de lavagem da rampa do Planalto para a frustrada posse de Tancredo. O caminho até a Prainha acentuou a coincidência do 2 de fevereiro (dia de Iemanjá que no sincretismo católico é N. S. da Glória, Oxum é N. S. da Conceição) para fazer da festa uma celebração das águas. O tema do Gandhi este ano foi exatamente a Força das Águas.

Brasília pode ter presenciado o primeiro momento de uma tradição. Os organizadores juraram que seria mantida essa abertura pré-carnavalesca em no tom magnífico: sentir a cidade mística e a cidade foliã. Uma idéia proposta que certamente será aplicada no próximo ano e aproveitar

a oferenda de flores nas águas do Paranoá para também despejar cinzas da nossa angústia, como o próprio Mahatma Gandhi voltou ao rio Ganges. Seria o Dia do Desabafo. As pessoas escreveriam em pequenos bilhetes aquilo que gostariam de ver exorcizado em cinzas e despejado nas águas. Os bilhetes seriam queimados em uma grande urna, no local da concentração e as cinzas levadas em cortejo até a prainha do Lago.

O secretário ativista, o eufórico Rodrigo Rollemberg, na cabeça do Turismo no Governo do Distrito Federal, topou no ato. O pessoal da Rainha do Mar, idem. Só o Gandhi para mexer nesse inconsciente. Essa bênção é necessária para abrir os caminhos do carnaval. E o afoxé sabe que precisa do padê, o cantar para Exu e garantir os "bons trabalhos" na festa.

A belíssima Iemanjá (confeccionada pelos artesãos da escola de samba Mocidade Independente do Gama), acompanhada pelo gigantesco carro de som da Coca-Cola, com o Gandhi no chão e a colagem de sotaques de todo o Brasil que representa o brasileiro acompanhando, registrava a própria vocação plural da cidade: a que une campo, cidade, rural, urbano, cósmico, tecnologia, natureza, capitalismo, socialismo, Estado, cidadania, tradição e vanguarda... coisas que tornam a complexidade de Brasília um desafio para apaixonados.

Brasília não é para amadores. Mas para quem nela se integra, com ela se compromete, por ela se entrega, enfim, ama.